

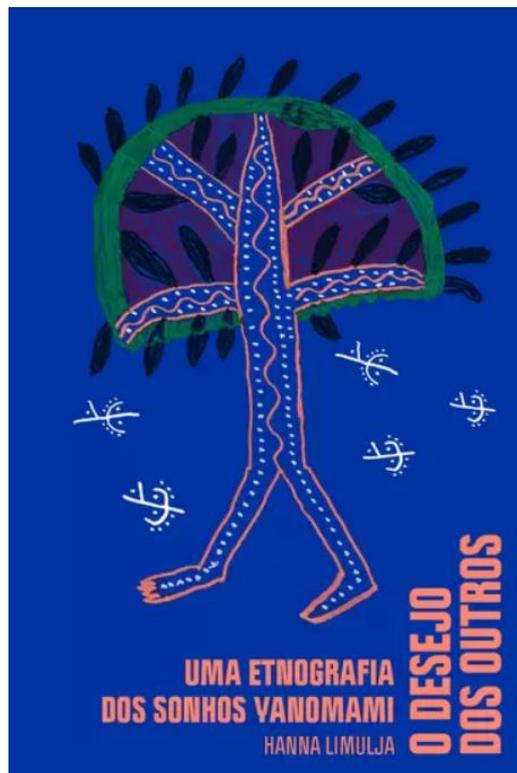
# Um livro sonhado

FILLIPE ALVES 

Universidade Federal Fluminense | Niterói, RJ, Brasil

fillipe\_alves@id.uff.br

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v31i2pe204339



LIMULJA, Hanna. 2022. *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami*. São Paulo: Ubu Editora, 192pp. *E-book*.

A antropóloga paulistana Hanna Limulja (1982), mestre (2007) e doutora (2019) em antropologia social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), atua junto aos Yanomami desde 2008, participando de ONGs no Brasil e no exterior. Limulja integra, ainda, a Rede Pró-Yanomami e *Ye'kwana*, fundada em 2020 por pesquisadores e aliados na luta pela garantia dos direitos territoriais, culturais e políticos desses povos. Seu livro, *O Desejo dos Outros: uma etnografia dos sonhos yanomami*, lançado pela Ubu Editora em 2022, é fruto de sua tese de doutorado e seu quase um ano de pesquisa junto aos Yanomami da comunidade *Pya ú*, na região Toototopi, fronteira do Brasil com a Venezuela. A obra



e204339

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v31i2pe204339>

conta ainda com prefácio de Renato Sztutman, mestre e doutor em antropologia social pela Universidade de São Paulo (USP), que nos apresenta esse trabalho como um livro que foi sonhado.

Ao longo do texto os relatos dos sonhos yanomami se misturam com os sonhos da própria autora em uma linguagem fluída e plurívoca, onde Limulja assume o sonho como e com os Yanomami, sendo o próprio livro fruto da dinâmica do sonhar dessa comunidade. Em seu primeiro livro, Limulja nos guia em um passeio pela política, cosmologia e cultura yanomami através dos sonhos. Essa jornada é possível devido à importância que os sonhos possuem no dia a dia dos Yanomami. Essa obra não se trata de um compêndio de interpretações dos sonhos yanomami. Tanto para eles quanto para autora, o importante é o que pode ser feito e o que é feito com o que se sonha. Diferente da visão psicanalítica, que considera que os sonhos podem vir de desejos do inconsciente, e na contramão dos simbolismos e concepções místicas ocidentais, o sonhar para os Yanomami é transitar por outros mundos, interagir com outros seres e, nesses encontros, ser movido pelo desejo dos outros.

Nessa concepção, o sonho é uma instituição que os prepara para as relações cotidianas. A existência no mundo dos sonhos é tão real e com efeitos práticos no dia a dia quanto as experiências em estado de vigília. O sonho socializado possui funções práticas e cumpre um papel político dentro da comunidade. O alerta para a proximidade de um inimigo, a dinâmica da caça e de tarefas do cotidiano, as relações de afeto e parentescos são todas perpassadas pelos acontecimentos no mundo dos sonhos, o que acontece enquanto estão dormindo e suas ações ao despertar estão intrinsecamente ligados. Se para todos da comunidade os sonhos são importantes, para os xamãs são parte essencial do que os torna um xamã: ao dominarem o sonhar, conseguem extrair consequências sociais e políticas de sua atividade onírica. Limulja explora essas dinâmicas em diálogo constante com o xamã e liderança política yanomami Davi Kopenawa, que, por sua vivência e relação com os brancos, afirma e reforça que diferente destes que sonham apenas com o que está próximo, os Yanomami, ao sonhar, desbravam o mundo, aprendem com os outros e buscam respostas para saber o que fazer no mundo desperto. O livro, como se fosse ele próprio a *mari hi* (a árvore dos sonhos)<sup>1</sup>, nos abre para possibilidade de novas formas de sonhar. A obra surge em momento crucial para os Yanomami e nos conta a importância e o papel do sonhar para essa comunidade na resistência indígena ao longo dos séculos e em sua insistência em não morrer. Nas palavras da antropóloga, no livro ela apresenta:

[...] os sonhos yanomami às pessoas que nunca sonharam a floresta e talvez nunca tenham ouvido falar dos Yanomami. Para que conheçam um pouco de sua história, de suas vidas, de seus pensamentos, e para que possam, por sua vez, sonhar com outro modo de ser que, diferente do

---

<sup>1</sup> Contam os Yanomami que Omana, o demiurgo, criou a árvore dos sonhos a fim de que os humanos pudessem sonhar. Quando as flores dessa árvore desabrocham, os sonhos são enviados aos Yanomami (LIMULJA, 2022: 16).

nosso, e por isso mesmo, tem muito a nos ensinar. (LIMULJA, 2022: 16).

Ao longo de cinco capítulos, Hanna Limulja nos convida transitar e desbravar o tempo espaço dos sonhos-mitos Yanomami.

Limulja conta que as ideias de seu livro também foram sonhadas, por ela e pelos Yanomami, que ela acompanhou entre novembro de 2015 e fevereiro de 2017. Convivendo com as 154 pessoas da comunidade *Pya ú*, ela registrou os sonhos de crianças, moças, jovens, homens, mulheres e anciãos que tratavam dos mais variados temas: caça, mitos, relação com parentes falecidos ou ausentes, festas e com lugares conhecidos e distantes. A primeira abordagem metodológica da autora foi colher os relatos dessas pessoas assim que elas acordavam. Depois de três semanas, e mais de cem sonhos registrados, a autora decide mudar sua abordagem e passou a tentar ‘ver’ os sonhos no cotidiano yanomami (LIMULJA, 2022: 27), e a partir daí nos apresenta então o modo como essa comunidade conhece e vivencia o mundo.

No primeiro capítulo do livro, “A gesta de Kopenawa”, a autora tece diálogos com a obra de Davi Kopenawa e Bruce Albert, *A queda do céu* (2015), onde as referências aos sonhos são inumeráveis e atravessam toda sua narrativa. As experiências oníricas de Kopenawa ao longo do livro, enquanto conta sua trajetória como xamã e líder político Yanomami, são fonte fundamentais para validação dos dados apresentados por Limulja. Quando Kopenawa foi iniciado ao xamanismo pelo seu sogro, os *xapiri pẽ<sup>2</sup>* passaram a levar sua imagem (*utupẽ*) para todos os lugares. Ao relatar essa jornada e a formação xamânica-política de Kopenawa, a autora nos oferece os primeiros vislumbres do papel dos sonhos para os Yanomami.

Nesse primeiro capítulo, ao explorar as experiências de Davi Kopenawa desde sua infância, a autora traz detalhes importantes sobre a cosmologia yanomami, os seus guardiões, espíritos auxiliares e como os sonhos estão ligados na formação da pessoa yanomami. Isso indica dois pontos basilares da obra: a distinção entre os modos de conhecer dos Yanomami e dos brancos, enquanto os primeiros encontram no sonhar modos de aprendizagem, os brancos encontram um reflexo de si mesmo e da cidade em que vivem, só conhecem o que está dentro deles mesmo. A pressa e o olhar fixo para a mercadoria impedem que os brancos sonhem tão longe e conheçam lugares distantes da sua realidade, quando dormem, sonham com suas esposas, filhos e mercadorias que possuem e as que desejam possuir. O segundo ponto é a ideia do sonho como um método de aprendizagem, quando os Yanomami querem conhecer as coisas, se esforçam para vê-las em sonho. O que não é visto nos sonhos, eles não reconhecem a existência. “Para eles não basta saber, é preciso sonhar para realmente conhecer as coisas a fundo” (LIMULJA, 2022: 47). Pelos sonhos os Yanomami conhecem lugares em que nunca estiveram e se abrem

---

<sup>2</sup> Os *xapiri* são guardiões invisíveis das florestas, espíritos nos quais os ancestrais animais dos povos Yanomami se transformaram.

para alteridade; em contrapartida, por não sonharem longe, os brancos ignoram os modos de pensar de outros povos e lugares, são eles o pesadelo dos Yanomami.

No segundo capítulo, “A origem da noite e o desabrochar das flores dos sonhos”, somos apresentados ao mito de origem da noite e a associação que os Yanomami fazem dela com o ato de sonhar. Para eles, de dia não se sonha. Ao longo do capítulo, Limulja se aprofunda nessa questão e na ideia de imagem, o *pei utupë*, a parte da pessoa yanomami que transita pelo mundo onírico. Ela explora aqui os elementos que constituem e dão forma ao corpo metafísico dos Yanomami. “O corpo, *pei siki*, permanece deitado na rede, enquanto o *pei utupë* se desprende e pode viajar por lugares que o sonhador percorreu durante o dia ou por lugares distantes e desconhecidos.” (LIMULJA, 2022: 53). Se a noite dos vivos é o dia das imagens vitais, o inverso também se aplica. Desse modo, durante o dia, apenas os xamãs, fazendo uso de *yãkoana*<sup>3</sup>, conseguem liberar sua *utupë* para se deslocar no mundo dos sonhos e interagir com a imagem vital de outros seres. Limulja não busca aqui fazer um estudo detalhado da noção de pessoa ou do corpo yanomami, suas considerações se concentram no que diz respeito ao *pei utupë*, ou seja, a imagem vital dos Yanomami.

Nesse sentido, os componentes da pessoa yanomami se distinguem nas concepções relativas ao corpo biológico, o *pei siki*, que literalmente quer dizer pele, daquelas relativas aos componentes metafísicos, chamado de *pei uuxi*, o interior, ou *pei miamo*, o centro, que se aproxima do conceito de psique. Essas duas partes se separam no momento da morte. O *pei a nẽ porepẽ* é o segundo componente que integra o corpo metafísico yanomami e representa o espectro da pessoa morta, um fantasma. Desse modo, o corpo metafísico, a imagem do Yanomami, possui um duplo interior que para eles é a origem de todas as manifestações do pensamento ou do comportamento não consciente que podem ser acessados de forma involuntária, por meio de transe, como é feito pelos xamãs, ou por consequência de dores e doenças, psíquicas ou mentais, e pelos sonhos. Nesse sentido, o ato de sonhar é visto como uma pequena morte, sendo o momento do sono para os Yanomami a experiência mais próxima da morte ainda em vida, pois em todos os casos a forma espectral se desprende da pele.

A autora nos apresenta ainda o cosmos yanomami, visando mapear os lugares por onde os Yanomami circulam enquanto sonham. Essa dimensão visitada principalmente pelos xamãs não possui distinção entre o passado, presente e futuro, tudo está em constante movimento e o que acontece lá pode influenciar tanto a vida de quem sonha quanto de toda comunidade. “Tal como em uma fita de moebius, tudo que ocorre em um lado se desenrola no outro” (LIMULJA, 2022: 62). Limulja ressalta que o plano dos sonhos e o mundo desperto não são duas realidades paralelas. A autora faz uso da analogia com a fita de moebius para explicar que se trata, na verdade, de duas formas de acessar o mundo, uma pelo corpo físico e outra acessada pela imagem.

---

<sup>3</sup> O pó *yãkoana*, que faz parte do ritual de iniciação e das ações na vida de um xamã, é produzido com a resina da parte interna da casca da árvore *yãkoana hi*, que contém um alcaloide alucinógeno chamado dimetiltryptamina (DMT).

A imagem da fita de Moebius nos ajuda a compreender que tudo que ocorre de um lado passa pelo outro. Assim, é como se um lado da fita correspondesse às experiências diurnas, do corpo, da matéria; e, o outro, às experiências oníricas, da imagem, do imaterial. (LIMULJA, 2022: 155)

As experiências oníricas e em vigília nesse sentido se configuram de tal forma onde aparentam possuir dois lados, quando se trata de apenas um. O corpo e a imagem, como se estivessem de costas um para o outro, se entrelaçam em um fluxo contínuo sem se encontrar, mas o que ocorre em um lado passa para o outro e, de formas distintas, afetam a pessoa.

Esse capítulo mostra a importância da fala e eloquência para os Yanomami, pois antes de tudo os sonhos precisam ser compartilhados. Isto é fundamental para que eles possam agir tanto em nível pessoal quanto coletivo, pois “o sonho vem ao mundo pela linguagem, ao ser contado” (LIMULJA, 2022: 65). A autora ressalta que os sonhos estão longe de ser uma profecia da qual eles não possam escapar. Para os Yanomami, os sonhos dizem respeito às coisas que podem ser contornadas, mas para isso se faz necessário que sejam socializados. O que acontece no plano dos sonhos não determina a vida da comunidade, mas serve como orientação. Nesse sentido é o que os Yanomami fazem com seus sonhos, e não o que os sonhos dizem, o interesse de Limulja.

No capítulo 3, “Os sonhos yanomami”, Limulja nos apresenta os sonhos propriamente ditos, distinguindo os que lhe foram relatados nas seguintes categorias: premonitórios, cotidianos, dos caçadores, aqueles relativos à grande cobra *Tëpërësiki*, e com os ausentes e os com os mortos. É a partir dessa última categoria que podemos compreender melhor o título do livro *O desejo dos outros* diz respeito ao objeto do sonho e o que ele inspira no sonhador, as vontades, a saudade e os desejos, que são, antes de tudo, daquele com quem se sonha. Para melhor compreender essa dinâmica, Limulja narra o sonho de Olímpia, que estava há dias sem notícias de sua filha, Marina, e desde então passou a sonhar com ela toda noite. Ao relatar o sonho, Olímpia explicou que o sentimento de saudade partia de sua filha e não dela. Ela sonhava por conta do desejo de sua filha de estar com ela. Olímpia explica ainda que por esse mesmo motivo, Limulja sonhava constantemente com sua mãe ao realizar o trabalho de campo, pois sua mãe é quem sentia saudade da filha.

Os desejos dos mortos também figuram nos sonhos yanomami e inspiram saudade. Mais do que isso, os *pori* (mortos) surgem chamando aquele que está sonhando para ir com eles à casa dos mortos, *hutu mosi*. Seja um parente que foi habitar *hutu mosi* ou uma pessoa que está longe da comunidade, é a saudade que eles sentem dos vivos e dos que estão longe que gera esses sonhos. Nesse sentido o sonhador é como uma presa e seu papel é resistir.

Nesse capítulo, a autora traz ainda a diferença entre os sonhos dos xamãs em relação ao resto da comunidade. O que os separa não é medido pelo quão longe conseguem ir e transitar com sua imagem, porque “o que importa não é exatamente aonde se chega no sonho, mas de onde se parte” (LIMULJA, 2022: 89). O sonho é ainda uma fonte de

conhecimento: os que muito sonham são, portanto, considerados sábios. Sonhar é um meio de aprendizado tanto pro caçador e pro xamã quanto para pessoas comuns.

Em “Réquiem para um sonho”, penúltimo capítulo, podemos ver mais do papel dos sonhos da própria autora em sua narrativa, mas como Limulja bem diz, o que importa não são os sonhos dela e sim para onde eles a levaram. Aqui ela nos apresenta trechos da longa festa funerária *reahu* enquanto faz paralelos entre os vivos e os *pori*, a celebração e o *hutu mosi*. Enquanto relata os acontecimentos da celebração, as dinâmicas e interações entre anfitriões e convidados, Limulja perpassa relações de gênero, relações de troca, parentesco, interdições e as particularidades e importância dos mitos e de um rito funerário para os Yanomami. A autora nos apresenta ainda a maneira como os Yanomami compreendem e lidam com a morte e como ela se insere no seio da vida desse povo. Nesse sentido, o sonho “se insere na vida como uma forma atenuada da morte, uma morte cotidiana e até mesmo necessária” (LIMULJA, 2022: 129). É no sonho que eles experimentam todo dia aquilo que é inevitável. A partir da poética existente na leitura que esses grupos fazem da morte, podemos compreender que a resistência ao chamado dos mortos para que se juntem em *hutu mosi* é parte da sede de viver dos Yanomami, é por resistirem que podem continuar sendo Yanomami. A resposta que dão aos mortos, “Eu não morro, ainda estou vivo” (LIMULJA, 2022: 131), se estende a todas as violações de direitos que sofrem ao longo dos anos.

No quinto e último capítulo, “O mito reencontrado: do sonho ao mito e vice-versa”, Limulja nos traz os sonhos de alguns xamãs. É através dos sonhos que os xamãs experienciam e podem conhecer verdadeiramente os mitos (LIMULJA, 2022: 144). Desse modo a autora defende a tese de que todo mito, em algum momento da sua trajetória, já foi, é ou será um sonho (LIMULJA, 2022: 152) e por meio das experiências dos xamãs eles são vivenciados e atualizados. A socialização dos sonhos mantém vivos também os mitos que estão em constante transformação e, ao serem contados, são sonhados e são sonhados porque foram recontados. A autora finaliza o livro com uma série de mitos onde podem ser encontradas referências aos diferentes tipos de sonhos para apresentar nesses mitos alguns aspectos abordados ao longo da obra.

O livro de Hanna Limulja surge em sintonia com trabalhos que priorizam a participação dos interlocutores em suas obras e responde a questionamentos sobre o papel do antropólogo em campo e do fazer etnográfico ao mostrar com rigor metodológico as possibilidades de uma escrita horizontal e dialógica. O livro pode ser inserido ainda dentro do debate ao qual Descola (2016) já havia chamado atenção, em experiência com os indígenas achuar, que diz respeito às diferenças entre as fronteiras do que é natural e do que é humano para alguns povos, como esses reinos se mesclam e se coproduzem. Em seu livro, Limulja acaba por expandir esse debate. Ao mostrar o papel do sonho nessa dinâmica, a autora revela que o mundo dos sonhos é tão natural quanto o mundo em que vivemos e que o sonho não é mero fruto da imaginação. Em tempos de retrocesso e massivos ataques aos direitos dos povos indígenas, o livro serve sobretudo aos *napëpë* (brancos/não indígenas) como um alerta para necessidade de aprender outros modos de

sonhar e, conseqüentemente, de fazer política. Aqui, sonhar é um modo de aprendizado e resistência e Limulja nos convida a irmos mais longe em nossos próprios sonhos.

### **Referências Bibliográficas**

- DESCOLA, Philippe. 2016. *Outras Naturezas, Outras Culturas*. Tradução de Cecília Ciscato. São Paulo: Editora 34.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. 2015. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras.
- LIMULJA, Hanna. 2022. *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami*. São Paulo: Ubu Editora. Kindle.

### **sobre o resenhista**

#### **Fillipe Alves**

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF) e Pesquisador assistente do Núcleo Afro do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP).

**Autoria:** O autor é responsável pela leitura, análise crítica, sistematização e síntese das informações apresentadas ao longo do texto, bem como por sua escrita.

**Financiamento:** Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Recebido em 10/11/2022.

Aprovado para publicação em: 21/03/2023.